



ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA NO CLUBE DE CIÊNCIAS ATRAVÉS DE UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA¹

Pesquisadora: Luciane Naiane Araujo Neto

Graduanda do Curso de Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens.

Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)

Bolsista voluntária PIBID Pró – Doutor intitulado “Escrituras de licenciando e crianças em elaboração de discursos escritos.”

Universidade Federal do Pará –UFPA

E-mail: lucianenaiane@gmail.com

Orientadora: Elizabeth Orofino Lucio

Doutora pela Universidade Federal de Rio de Janeiro - UFRJ

Universidade Federal do Pará -UFPA/IEMCI

E-mail: orofinolucio@gmail.com

Resumo

Este trabalho analisa um espaço não formal de ensino, o Clube de Ciências da Universidade Federal do Pará, situado no Instituto de Educação Matemática e Científica – IEMCI. Nesta pesquisa, registramos o trabalho desenvolvido com crianças de seis anos que estão no primeiro ano do ensino fundamental I. Focaliza-se os discursos orais no trabalho pedagógico e a importância da roda de conversas para o desenvolvimento do trabalho com a linguagem e a compreensão crítica da realidade. Sendo assim, os temas do Curso de Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens fundamentam uma prática pedagógica de alfabetização plena.

Palavras Chave: Alfabetização discursiva. Clube de Ciências. Espaço não formal. Roda de conversa.

Introdução

A Universidade Federal do Pará (UFPA) foi criada no ano de 1957 e está entre as maiores e melhores universidades do Brasil. Ela compreende treze institutos, seis núcleos, doze *campi*, noventa e três polos, dois hospitais universitários e uma escola de aplicação, possuindo vários grupos de pesquisa de importância nacional. Entre os grupos de pesquisa, destacamos o Clube de Ciências da Universidade Federal do Pará (CCIUFPA), criado em 1979 pela Professora Doutora Terezinha Valim Oliver Gonçalves, como espaço acadêmico para iniciação à docência de estudantes da área de ensino de Ciências e Matemática (Ciências, Física, Química, Biologia e Matemática) e iniciação científica de estudantes da Educação Básica (GONÇALVES, 2012, p.2).

¹ Este trabalho de pesquisa integra o Projeto PIBID Pró-Doutor de iniciação científica, intitulado: “Escrituras de licenciandos e crianças em elaboração de discursos escritos”.



Atualmente, o CCIUFPA recebe os alunos da educação básica, com idade entre seis e dezessete anos, também chamados de sócios mirins, vindos principalmente de escolas públicas dos bairros do entorno da Universidade. As aulas são ministradas aos sábados, das oito horas às onze horas da manhã, no Campus Básico da UFPA, no Instituto de Educação Matemática e Científica (IEMCI).

Esta é uma pesquisa de iniciação científica, realizada no CCIUFPA, com crianças em fase inicial de escrita em que foi proporcionado a elas a alfabetização científica através de uma perspectiva discursiva. Nesta pesquisa, atuou junto a mim, no primeiro ano da educação básica, primordialmente, graduandos da Licenciatura Integrada, que entendem que trabalhar com essas crianças do Clube significa mais do que promover a alfabetização científica, significa propiciar a esses estudantes uma compreensão crítica da realidade (PAIXÃO apud NUNES, 2016). Para isso, foi necessário que houvesse um elo, construído pelos professores, com a disciplina estudada em “Teoria e Prática da Alfabetização: Ensinando e aprendendo a Ensinar a Ler e Escrever I”.

Encontro com o tema: sendo professora e aluna

A aula-encontro da disciplina “Teoria e Prática da Alfabetização: Ensinando e aprendendo a Ensinar a Ler e Escrever I”, ministrada pela professora doutora Elizabeth Orofino Lucio, foi a que me fez questionar mais sobre como proceder com os alunos. Tivemos uma didática em sala chamada “Alfabetização Sem Receita” em que a professora pôs, no centro da sala, materiais de cozinha de brinquedo e uma boneca. A boneca representava uma criança, o cozinheiro representava o professor e os materiais de cozinha representavam o método de alfabetização. Como tive a oportunidade de participar da atividade, percebi que os materiais serviam para fazer a boneca engolir os alimentos sem questionar o que o cozinheiro estava preparando, realizando uma metáfora do ensino tradicional que entende o aluno como um depósito de conhecimento, recebendo-o de forma passiva pelo professor que representa o dono do saber e, portanto, não pode ser questionado.

Essa atividade me fez refletir sobre a importância de o aluno ser ativo em sala e aproveitar a curiosidade natural que a infância proporciona, utilizando isso como facilitador de sua aprendizagem. Assim, procurei aplicar tal proposta, junto à equipe que estava comigo nas aulas do Clube de Ciências.

Após o planejamento para as aulas do CCIUFPA, percebemos que a “chave” para o trabalho docente, junto aos chamados sócios mirins, estava na oralidade, pois as crianças não despertaram interesse em desenhar, e a maioria não sabia escrever. Logo, suas narrativas eram orais,



havendo, dessa forma, a necessidade de trabalhar a oralidade com eles, entendendo que poderia apresentar um melhor resultado, pois frases, como: “desenhar é chato, tia”, “não gosto de desenhar”, foram ditas quase que unanimemente. Assim, questionamentos de como lidar com a situação ou como trabalhar e recolher dados importantes sobre as aulas, se as crianças ainda não conseguiam escrever e nem queriam desenhar, foram sendo solucionados aos poucos. Dessa forma, vimos nas rodas de conversa e nas aulas ao ar livre maneiras mais adequadas para trabalhar com essa facilidade que essas crianças têm de falar e gravar tudo para futuras aplicações.

Como surgiu essa prática pedagógica?

A turma na qual foi aplicada a pesquisa foi a do primeiro ano da educação básica. O grupo, inicialmente, era formado por vinte e cinco crianças matriculadas, com uma frequência média de vinte crianças por sábado. Os alunos são do entorno da Universidade, principalmente de escolas públicas. Dentre essas crianças, recebemos, também, as que vêm de um meio familiar letrado. Pude perceber isso de maneira mais clara, em razão de serem mais curiosas, manifestando grande desenvoltura para a idade. Quanto às crianças que não tiveram a mesma oportunidade, percebi que não manifestaram interesse em participar das atividades. Por essa razão, passamos a trabalhar com as diferentes vivências dessas crianças, utilizando as que tinham domínio da escrita como escribas da turma em alguns momentos.

Para trabalhar com elas, tinha a noção que existem práticas pedagógicas que não apenas discriminam, mas emudecem os alunos (SMOLKA, 2012, p.16). Isso é perceptível em diversas escolas com professores que se comportam de maneira agressiva, coagindo seus alunos, privando-os de se expressar e forçando-os a ficar sentados, estáticos e passivos, durante a aula. Para a pesquisa, trabalhei com metodologias totalmente contrárias a esse tipo de ensino, valorizando a importância de os alunos se manifestarem por meio de suas perguntas potentes.

Utilizando as perguntas

Uma das estratégias aplicadas foi o aproveitamento das perguntas feitas pelos sócios mirins, para dar início às atividades. O ponto de partida foi a ida ao Espaço ITEC Cidadão, conhecido como “Bosquinho UFPA”², onde levamos as crianças para um passeio. Os estudantes, em contato com o meio, fizeram várias perguntas que serviram de base para a iniciação do trabalho. Nesse dia, 20/05/2017, surgiram perguntas, como: por que o protetor solar protege? Por que a

² Área que compreende os bosques Camillo Viana e Benito Calzavara, entre o Campus Básico e Profissional da UFPA, no bairro do Guamá em Belém, sob coordenação de Gina Barbosa Calzavara.



“Maria fecha a porta”? Por que a formiga não gosta de água? De onde vem a água? Perguntas potentes para iniciar um trabalho e para um “fluir do significado” (SMOLKA, 2012, p. 95). Assim, os sócios mirins não teriam um conhecimento pronto e acabado, mas sim uma “troca” em que poderíamos aprender juntos e buscar respostas através do discurso produzido pelas próprias crianças.

Utilizei as perguntas dessa aula como base para a aula que ministrariamos no dia 24/06/2017, cujo objetivo era organizar atividades que levassem os sócios mirins a escolher o tema base para o segundo semestre. Por meio dessa atividade participativa, surgiram mais perguntas que orientaram para uma outra atividade que foi denominada de Ciência na Ilha³ e, também, foram conduzidos para uma exposição no IEMCI⁴.

Para essa aula, usamos metodologias vindas de leituras baseadas em Smolka, como deixar as cadeiras enfileiradas. Com a chegada das crianças, pedimos a ajuda deles para que colocassem as cadeiras do jeito que eles quisessem, utilizando materiais coletivamente (SMOLKA, 2012, p.130). Para essas atividades, apresentamos vídeos (Lucas, um intruso no formigueiro; Vida de inseto; Por que usar protetor solar?) que retratassem as quatro perguntas-base da aula do bosquinho e ver quais gerariam mais interesse.

Conforme os vídeos eram exibidos, fazíamos pausas em momentos oportunos para ver o que eles achavam que aconteceria e, após, indágavamos se eles tinham perguntas. E elas começaram a surgir: como o sol se reflete? O sol é uma estrela? O sol é importante para as plantas e para os bichinhos? Por que o osso (do gafanhoto) sai da pele? As formigas saem da gota? Só a formiga rainha tem asa? Os passarinhos só se alimentam de gafanhotos? Por que as baratas não morrem com a chuva? A barata é um réptil ou um inseto? Quantas patas tem uma barata? Anotamos as perguntas e pedimos para eles escolhessem as que eles queriam estudar no próximo semestre. Por votação, eles selecionaram algumas e, a partir das perguntas realizadas pelas crianças, começamos a produzir práticas pedagógicas que gerassem interesse da turma em produzir o trabalho a ser apresentado, por meio da linguagem delas, através da roda de conversa.

Roda de conversa

³Evento de educação e divulgação científica, em que a comunidade estudantil pode apreciar as exposições científicas e participar de oficinas.

⁴Evento em que os sócios mirins expõem seus trabalhos produzidos ao longo do ano no Instituto de Educação matemática e Científica.



Analizamos a roda de conversa, a partir de Motta (2009), como uma prática pedagógica dialógica. Desde que foi percebida a dificuldade em utilizar a escrita dos sócios mirins, pois havia resistência de alguns e falta de conhecimento de outros por vários fatores, foi decidido estrategicamente trabalhar essa oralidade, separando em pequenos grupos ou com as crianças todas juntas. Sempre que surgia uma dúvida ou uma afirmação, colocávamos para toda a sala, pois, com base em Vygotsky, Motta afirma que o papel do outro é fundamental tanto na constituição do eu, quanto no desenvolvimento e aprendizagens (MOTTA, 2009, p.4).

Dessa forma, era perceptível que, quando uma criança começava a externar sobre seus questionamentos, descobertas e afirmações, os outros se sentiam muito mais à vontade para fazer o mesmo, fazendo que a pesquisa caminhasse mais com eles verbalizando, pois, ao se embasar em uma perspectiva vigotskiana, Motta mostra que a palavra carrega consigo os significados do contexto histórico de seu uso e do contexto da interação em que é utilizada para comunicar e construir significações (MOTTA, 2009, p. 4). Assim, a forma como eles se expressavam fazia mais sentido vindo de pessoas da mesma idade e com a mesma visão de mundo, em que podiam usar palavras circunscritas ao seu vocabulário, concordar e discordar, o que não ocorre quando um adulto impõe o conhecimento que afirma ser indiscutível.

CONCLUSÃO

Houve vários desafios nessa pesquisa, trabalhar a oralidade com essa turma foi uma descoberta importante para o meu aprendizado. Percebemos como é lidar com alunos que preferem falar e ter que deixar o modelo tradicional de ensino e aprendizagem em que os professores, em sua maioria, têm dificuldades de lidar com alunos que são falantes e não dominam o código escrito. Aprendemos na prática que ter alunos, ditos “mal comportados”, contribui de modo relevante para a minha formação, em que tive que canalizar a agitação desses alunos para a produção. Assim, o Clube tem como orientação aos professores o trabalho voltado para a valorização do discurso dos sócios mirins. Assim, cada momento da pesquisa tem se tornado uma oportunidade para grandes e produtivas descobertas para nossa vida docente.

REFERÊNCIAS

GONÇALVES, T. V. O. **Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens: princípios e desafios para a formação de professores para os anos iniciais do ensino fundamental**. XVI ENDIPE. Campinas, 2012.



MOTTA, F. **Salada de crianças: a roda de conversa como prática dialógica.** IX EDUCERE. PUCPR, 2009.

NUNES, J. B. M. **Aprendizagens docentes no CCIUFPA: sentidos e significados das práticas antecipadas assistidas e em parceria na formação inicial de professores de Ciências.** Dissertação (Mestrado) – UFPA, Belém, 2016. 242 p.

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo.** ed 13. Cortez Editora. São Paulo, 2012.